



Os comentários de José Geraldo Vantine aqueceram as discussões

## Comex Happy Business aproxima empresários

A segunda edição do evento contou com o consultor de logística, José Geraldo Vantine, como mediador. Ele aqueceu a discussão sobre o comportamento das empresas

Como as empresas devem agir no mercado em que vivem atualmente? De maneira estratégica ou operacional? Este foi um dos assuntos abordados pelo consultor de logística José Geraldo Vantine na segunda edição do Comex Happy Business, realizado no restaurante La Pasta

Gialla, em Campinas.

O evento reuniu cerca de 60 empresários, em um bate-papo descontraído. O objetivo do Comex Happy Business, de acordo com Luiz Antonio Guimarães, diretor da Nanquim Comunicação, organizadora do evento, é aproximar os coadju-

vantes do comércio internacional e impulsionar o comércio exterior na região de Campinas. “Este setor é muito forte na nossa cidade e na região, mas às vezes ficamos distantes uns dos outros. Às vezes temos uma ideia, mas precisamos de parceiros para concretizá-la”, disse.



### Debate

Sob o tema central “Logística global x comércio exterior: sinergia ou disputa?”, Vantine avaliou as duas frentes que, em sua opinião, andam juntas. “Muitas vezes, o profissional de uma área não conhece a outra, mas elas são parceiras no segmento”, disse. A importância dessas duas frentes está relacionada aos diversos intervenientes que o Brasil possui no seu processo logístico do comércio exterior. “Temos um total de 24 intervenientes no tratamento administrativo ou operacional às cargas ou mercadorias transacionadas com o exterior”, disse. Entre



eles estão Ministérios da Defesa e dos Transportes, Secretaria da Receita Federal do Brasil, Ministério do Meio Ambiente e outros.

A crítica de Vantine a essa multiplicidade de intervenientes e também de tarefas inerentes ao comércio internacional de qualquer país são reflexos como uma legislação dispersa e defasada, a repetição e incompatibilidade de exigências e o sequenciamento inadequado das operações. “Tudo gera maiores custos e tempo e a consequente perda de competitividade”, afirmou.

Para o consultor e mediador do bate-papo, as empresas não podem abrir mão da estratégia nem da operação, mas, se fosse para escolher, o atual momento do mercado pende mais para o lado estratégico. “As grandes empresas sempre se questionam: ‘onde devemos fabricar e para quem devemos vender?’”.

Mas a chave do sucesso também está na relação equilibrada de três setores. “O importador e exportador estão ligados pelas atividades do comércio internacional e também da logística internacional. Por isso, o equilíbrio só é possível com a correlação destes três núcleos”, afirmou, ao completar que é preciso unir os fluxos financeiro, físico e de informação.

Segundo Vantine, os principais

pólos de distribuição indicados no Brasil, que visam associar regimes fiscais e financeiros, estão no estado de São Paulo (portos secos), em Manaus (Zona Franca) e Vitória (destino de incentivo financeiro). Mas ele analisa as possibilidades. “Manaus tem baixa frequência de navios e o incentivo financeiro do Fundap a Vitória só se aplica a produtos nacionalizados e não tem poder legal. Além da baixa frequência de navios nesta região também”.

Durante o happy hour, Vantine manteve sua personalidade polêmica e deixou um alerta para todos os empresários que utilizam a importação ou a exportação: “A legislação é interpretada pelo fiscal da alfândega, que é a maior autoridade neste segmento”.

### Aeroporto indústria

Os temas abordados por Vantine aqueceram as discussões. Orlando Fontes Lima, fundador e coordenador do Laboratório de Aprendizagem em Logística e Transporte (LALT), da Universidade de Campinas – UNICAMP, perguntou sobre a fracassada primeira tentativa da construção do aeroporto indústria em Viracopos.

“O grande problema do aeroporto indústria é que ele ainda não está bem regulamentado, não tem legis-

lação”, disse Vantine. “Quem será o dono? Quem irá fornecer energia? Essas são algumas das dúvidas dos empresários”. O consultor ressaltou que isso gera receio nos interessados. “E outro motivo do fracasso neste primeiro momento é que existe o medo de se investir neste equipamento, já que vivemos momentos muito próximos à mudança de governo”.

### ZPE

O diretor da Softway, Menotti Franceschini Neto, colocou em questão as Zonas de Processamento de Exportação, ou ZPEs, que se caracterizam como áreas de livre comércio com o exterior, destinadas à instalação de empresas voltadas para a produção de bens a serem comercializados no exterior, sendo consideradas zonas primárias para efeito de controle aduaneiro. Franceschini questionou a maneira como as ZPEs podem ajudar na integração logística e também regional.

Para Vantine, o problema das regiões menos favorecidas não está no desenvolvimento econômico, mas no desenvolvimento da educação. “A ZPE nada mais é do que um mega porto seco. E não temos região disponível para desenvolver uma ZPE como ocorreu em Manaus, que hoje é uma potência”.



Orlando Fontes Lima, coordenador do LALT, da Unicamp